

9 de AGOSTO DIA INTERNACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS



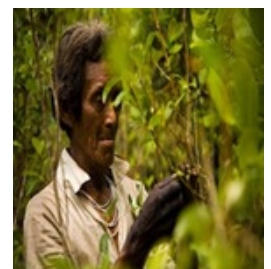
"O direito dos povos indígenas à livre determinação: Um caminho para a segurança e a soberania alimentar".



ORAÇÃO INICIAL

"Pai-Mãe da Terra e da Vida, Deus Tupã de nossos pais e mães,
venerado nas selvas e nos rios,
No silêncio da lua e no grito do sol
pelos altares e pelas vidas destruídas em teu nome, profanadas em nossa
colonizada Abya Yala,
te pedimos que fortaleças a luta e a esperança dos povos indígenas no gozo
da livre autonomia.
E nos dê (para nós, neocolonizadores) vergonha no rosto e amor no coração
para que respeitemos esses povos originários para comungar com eles na
Eucaristia plural Awere. Amém, Aleluia."

PEDRO CASALDALIGA.



"*Tupã ou Tupave*" significa especificamente o Deus supremo e criador na cultura guarani.

"*Abya Yala*" Provêm do idioma kuna, falado pelo povo guna do Panamá e Colômbia, significa terra em plena maturidade, terra viva ou terra em florescimento.

"*Abya Yala*" é mais que um nome, é um conceito que representa a luta pela auto-determinação, a memória histórica e a conexão com a terra para os povos indígenas da América.

AS NAÇÕES UNIDAS E A DEFESA DOS DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS



Proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas mediante a resolução 49/214 a partir de 1994, fica instaurado o dia 9 de agosto como o Dia Internacional dos Povos Indígenas.

A ONU, através da comemoração deste dia, os diferentes fóruns e eventos, busca destacar e abordar os desafios e aspirações dos povos indígenas, reconhecendo a importância da diversidade cultural e a necessidade de um diálogo intercultural para promover a paz, a estabilidade e o desenvolvimento sustentável.

Neste ano 2025, porá especial atenção à forma como a livre determinação dos povos indígenas pode contribuir para garantir a segurança alimentar e a soberania alimentar, reconhecendo seus sistemas de conhecimento como valiosos ativos para abordar a fome mundial, a conservação da biodiversidade e a resiliência climática.

Este lema enfatiza o direito dos povos indígenas de governar suas terras e recursos, assim como a importância de suas práticas tradicionais para a segurança alimentar e a sustentabilidade ambiental. Além de acentuar a importância da proteção dos direitos territoriais, ressalta a consulta em projetos de desenvolvimento e a participação nas decisões que lhes afetam, assim como a necessidade de proteção aos líderes e povos da discriminação e da violência.

A **livre determinação** é essencial para a segurança e soberania alimentar dos povos indígenas, já que a segurança supõe o acesso físico, social e econômico a alimentos suficientes, seguros e nutritivos para todos. Por outro lado, a soberania, vai mais além, e se refere ao direito dos povos de definir suas próprias políticas alimentícias, proteger seus sistemas de produção de alimentos e controlar seus recursos. Ao garantir a livre determinação dos povos indígenas, lhes permitem exercer sua soberania alimentar, o que por sua vez contribui a sua segurança alimentar e a preservação de suas culturas.

APELO DO PAPA FRANCISCO EM MENSAGEM AO FÓRUM MUNDIAL DOS POVOS INDÍGENAS



No Fórum Mundial dos povos indígenas, celebrado em Roma nos dias 10 e 11 de fevereiro deste ano, o Papa Francisco fez um enérgico apelo para defender o direito à livre determinação como caminho até a segurança e a soberania alimentar. Este evento conta com a presença de Dom Fernando Chica Arellano, Observador Permanente da Santa Sé junto à FAO (Organização Internacional para o Desenvolvimento Agrícola) e do PMA (Programa Mundial de Alimentos), que leram a mensagem do Papa dirigida à Dra. Myrna Cunningham, Presidente do Comitê Diretivo do Fórum, líder e ativista política dos direitos indígenas.

No texto, o Papa Francisco expressa em primeiro lugar o desejo de que o encontro possa ser **“um espaço significativo de debate, estudo e reflexão sobre as prioridades, as preocupações e as justas aspirações das comunidades indígenas”**. Detendo-se sobre o tema, Francisco pede que **“seja reconhecido o valor dos povos indígenas”**, assim como **“o patrimônio ancestral de saberes e práticas que enriquecem positivamente a grande família humana, colorindo-a com as diversas características de suas tradições”**. **“Tudo isso revela um horizonte de esperança no tempo presente, marcado por intensos e complexos desafios e não poucas tensões”**. A defesa do direito de preservar a própria cultura e identidade passa necessariamente pelo reconhecimento do valor de sua contribuição à sociedade e pela salvaguarda de sua existência e dos recursos naturais que necessitam para viver”, afirma o Papa Francisco. E denuncia a grave ameaça que supõe o **“crescente apropriação de terras agrícolas por parte de multinacionais, grandes investidores e Estados”**: **“Trata-se de práticas nocivas que ameaçam o direito das comunidades locais a uma vida digna”**.

É necessário que os Estados tenham uma relação com os povos indígenas no reconhecimento de suas formas de expressão de autonomia, com pleno respeito à sua diversidade cultural. Trata-se de um exercício de diálogo intercultural que permita ao direito internacional dos direitos humanos refletir ou conversar com a visão do mundo dos povos originários e seus sistemas políticos, econômicos, culturais e sociais, baseados no seu direito próprio. Isso pode supor superar legados históricos de discriminação, racismo e colonialismo que por séculos tem marcado a vida dos povos originários em nosso continente.

É uma oportunidade também para que, através de suas recomendações e o trabalho que continua, possa promover-se o fortalecimento da legitimidade do Estado a partir do local, reforçando assim democracias plenamente inclusivas.

“A terra, a água e os alimentos não são meros bens, mas a base da vida e da relação destes povos com a natureza”, reitera na mensagem. Portanto, “defender estes direitos não é somente uma questão de justiça, mas a garantia de um futuro sustentável para todos”. “Animados pelo sentido de pertença, à família humana, o Papa finaliza dizendo, podemos garantir às gerações futuras um mundo alinhado com a beleza e a bondade que guiaram as mãos de Deus ao criá-lo”. Daí o desejo de que os responsáveis das nações possam tomar “as medidas adequadas para que a família humana caminhe unida na busca do bem comum, de modo que ninguém fique excluído e ninguém seja deixado para trás”.



É necessária a relação dos Estados com os povos indígenas no reconhecimento de suas formas de expressão de autonomia, com pleno respeito à sua diversidade cultural. Trata-se de um exercício de diálogo intercultural que permita ao direito internacional dos direitos humanos refletir ou conversar com a visão do mundo dos povos originários e seus sistemas políticos, econômicos, culturais e sociais, baseados no seu direito próprio.

. Isso pode supor superar legados históricos de discriminação, racismo e colonialismo que por séculos tem marcado a vida dos povos originários em nosso continente. É uma oportunidade também para que, através de suas recomendações e o trabalho que continua, possa promover-se o fortalecimento da legitimidade do Estado a partir do local, reforçando assim democracias plenamente inclusivas.

FAMÍLIA CLARETIANA E A MISSÃO COM OS POVOS ORIGINÁRIOS

Como Família Claretiana e a partir deste espaço de JPIC a missão com os povos indígenas se centra no cuidado e na defesa da vida em todas suas expressões: no acompanhamento das comunidades, trabalhando por conhecer e respeitar as culturas, línguas e tradições dos povos indígenas, buscando estabelecer relações de diálogo e colaboração. Também na defesa dos direitos territoriais, culturais e sociais, denunciando injustiças e promovendo a participação ativa das comunidades na tomada de decisões que lhes afetam. Procurando promover o desenvolvimento integral das comunidades, abordando aspectos como a educação, a saúde, a segurança alimentária e a geração de receita, sempre numa perspectiva intercultural. Apoiar a criação de economias solidárias baseadas nos princípios do cooperativismo, que permitam às comunidades indígenas gerar renda de forma sustentável e respeitosa com o meio ambiente. Promovendo uma "conversão ecológica" que renuncia ao extrativismo predatório ao se manifestar contra a exploração mineira e outros projetos extrativistas que ameaçam os territórios indígenas e geram impactos socioecológicos negativos e promovendo um paradigma de desenvolvimento que valorize a justiça social, climática e ambiental e o bem comum.



Finalmente, nosso compromisso com a justiça, a paz e a integridade da criação é fundamental para alcançar a segurança alimentar e a soberania dos povos indígenas.

O reconhecimento do direito à autodeterminação dos povos indígenas é um passo crucial para a realização desses princípios. A proteção dos territórios indígenas e seus recursos naturais, bem como o respeito por seus conhecimentos e sistemas tradicionais, são essenciais para garantir sua segurança alimentar e sua capacidade de decidir sobre seu próprio futuro.

PROCLAMAMOS E REFLETIMOS SOBRE A PALAVRA

Este dia especial de Oração pelos Povos Indígenas nos convida a agradecer a Deus pelo dom de milhares de irmãos e irmãs que nos preservam e enriquecem com suas culturas e tradições. Hoje pedimos ao Deus da Justiça e da Misericórdia que ilumine as mentes e os corações daqueles em cujas mãos estão as possibilidades de dignificar os Povos Indígenas com mais e melhores oportunidades de desenvolvimento integral, sempre garantindo o respeito à sua identidade.

Por isso, elevamos uma profunda oração ao Deus dos pobres para que abra o caminho para um encontro entre crianças da mesma terra, onde os mais desfavorecidos sejam restituídos à sua dignidade, onde todos cresçam com as mesmas oportunidades e onde as identidades de diferentes culturas sejam vistas como sinais da presença de Deus que nos fez diferentes, mas ele nos amava igualmente.

Oração de perdão

Pelas vezes em que nos calamos diante das situações de injustiça e discriminação que vivem nossos irmãos e irmãs dos povos indígenas.

Senhor, tenha misericórdia

Por causa da indiferença às situações e realidades atuais que os povos originários vivem. **Cristo tenha misericórdia**

Pela falta de políticas de Estado que promovam a abertura ao diálogo e à convivência, e que às vezes geram situações de violência contra a reivindicação de direitos dos povos indígenas. **Senhor, tenha piedade.**

Abramos o Coração à Palavra. Do Evangelho segundo São João 1,1-4

¹ No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus.

² Ele estava no princípio junto de Deus.

³ Todas as coisas foram feitas por meio da Palavra, e sem ela nada foi feito.

⁴ Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens. Palavra de Deus

Na Palavra de Deus, os indígenas têm textos preferenciais, que marcam o caminho: Jo 1,1 ss. é um deles.

A reflexão encaminha na certeza de que desde sempre o verbo, o Filho, esteve em seus povos. “Sem Ele nada foi feito”. Não só “as sementes”, como disse São Irineo, mas tudo. "A palavra estava lá desde o início nas culturas e depois se tornou presente (carne) e dá força a todos nós." "É o início da criação de ontem, de hoje, de sempre." Jesus, como Verbo, sempre esteve presente em nossos povos. Jesus sempre esteve com os povos, por isso temos que descobri-lo em nossos povos nativos". Jo 1,1ss: "Jesus Cristo, o Verbo encarnado sempre presente nos indígenas, desde ontem, hoje e sempre, fortalecendo com seu Espírito a unidade e a solidariedade no Ayllu. (*Ayllu é uma palavra de origem quíchua. Unidade política e territorial baseada na vida comunitária e no direito coletivo à terra na diversidade ambiental*)

A terra, nas tribos do povo nascente de Israel, é o centro da promessa; Para os povos indígenas, faz parte da mesma identidade. Sem terra você não é ninguém, é como perder a vida. Lá na terra cresce a família, a organização, as pessoas... Quando eles tiram de nós, parece que algo nosso é tirado de nós ... A terra é como o nosso ninho: quando você sai, aprende vícios, muda, mas sempre volta ao ninho... Sem terra, a vida se destrói porque se rompe a relação com Deus, com a natureza, com os irmãos.

Para as tribos bíblicas, a terra é dada para "dominá-la, subjugá-la". Para os povos indígenas, a terra é uma mãe que deve ser cuidada. Eles fazem parte disso. E o que afeta a mãe, afeta os filhos, é por isso que a terra não é uma mercadoria. A terra, sendo central para a tradição das tribos bíblicas e dos povos indígenas, tem diferenças importantes, que devem ser compreendidas em seus respectivos contextos, para que a iluminação que a Bíblia dá seja verdadeiramente a Palavra de Deus. Os povos indígenas, em uma luta contínua para recuperar e conservar a terra, fazem uso intensivo em suas celebrações como base de uma exegese que afirma que a terra é um dom para todos os homens e mulheres.

A terra é uma parte constituinte da "justiça de Deus" para os povos indígenas. A terra é a mediação eficaz da manifestação amorosa de Deus. Por isso, além da justiça e da fraternidade, núcleo da mensagem evangélica, os agentes pastorais que acompanham os povos indígenas e toda a Igreja, devem assumir, apoiar e encorajar as lutas que se realizam pela reivindicação da terra. Os cristãos indígenas encontram na Bíblia a iluminação e a força para suas justas reivindicações; esses processos não são apenas econômico-políticos, mas religiosos, que emanam da fé em Deus criador e preservador de tudo para todos, na justiça e na fraternidade.

FAÇAMOS A ORAÇÃO FINAL

Grande Espírito, essência de toda a Natureza, Sopro de vida que cria e recria todos os seres, nossos povos indígenas e originários ouvem Sua voz nas águas, nas terras, no sol, nos ventos e no orvalho que umedecem nossa irmã mãe terra e nas sementes germinadas que se tornam alimento. Eles veem o amor de Sua beleza na flora e na fauna, na polinização de pássaros, borboletas e abelhas, o néctar da vida em todos os lugares. Ensina-nos a ouvir seus instrumentos sagrados e flautas que elevam o corpo e o espírito ao mundo eterno. Dai-nos a Vossa Sabedoria para resgatar a nossa harmonia, interligando-nos num grande esquema, tecendo e fiando a teia da vida. Que o Teu poder seja a luz do sol que ilumina a nossa convivência para o "bem viver", "sumak kawsay".

Força da Vida, dai-nos a Vossa Força para manter vivos os nossos povos que mais cuidam da nossa casa comum. Segure nossa grande Cabana, que anseia por vida e respeito. Conceda que possamos ouvir Sua vida no gemido, no grito e na voz das florestas e dos povos que crescem do ventre da terra. Amém

"sumak kawsay" É uma expressão quíchua que significa "bem viver". Em sua essência mais profunda, "sumak kawsay" é um chamado para transformar a sociedade para viver em harmonia com a natureza e uns com os outros, buscando uma vida mais justa, equitativa e feliz para todos os povos..



<https://youtu.be/buojgPQvc5U> KÜME MONGUEN (Viver bem, na língua mapuche) Música para uma Ecologia integral pode-se usar para ambientar a oração.

https://youtu.be/HBMrUIBGQHc?si=3qPcJKi6cEWl_5-q Terras sem males.

